

CARTA DAS CONVERGÊNCIAS AGROECOLÓGICAS NO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL SALVADOR | BAHIA | BRASIL – 2018

Resistir é criar, resistir é transformar!

O Fórum Baiano da Agricultura Familiar – FBAF, Articulação do Semiárido Brasileiro – ASA, Articulação Agroecológica da Bahia – AABA e diversas Organizações Não Governamentais, Movimentos, Cooperativas, agricultores e agricultoras familiares camponesas, povos e comunidades tradicionais, reunidos na Tenda de Convergências Agroecológicas na ocasião do Fórum Social Mundial, em Salvador/BA, Brasil, em 2018 anunciam, denunciam e propõe:

A crise mundial gerada pela expansão do modelo hegemônico político e econômico neoliberal impacta diretamente e com forte intensidade a segurança e o controle soberano alimentar e nutricional, hídrico e energético renovável, bem como a qualidade de vida humana e ambiental, além de ampliar a submissão econômica e política dos países mais pobres às nações mais ricas e poderosas, pondo em risco suas democracias e soberanias nacionais.

Um dos maiores desafios globais é como garantir que a população mundial crescente, que alcançará cerca de 10 bilhões até 2050, tenha acesso continuado a água, que também é alimento e a outros alimentos em quantidades suficientes, de qualidade, nutritivos e saudáveis, e aos demais bens indispensáveis, que em muitos casos são mais presentes e produzidos nos países mais pobres e muito populosos, que tem que se submeter a exportá-los “in natura” a preços não justos, para poderem comprar produtos industrializados, sempre muito caros, sob a imposição de ter que “equilibrar” as balanças comerciais com os países ricos.

Os sistemas agroalimentares, a partir do uso das tecnologias da revolução verde e outras mais recentes como os transgênicos (OGMs) e as radiações ionizantes, são cada vez mais insustentáveis, prejudiciais às pessoas e à natureza e socioambientalmente predatórios, injustos e intensificadores das desigualdades sociais locais, nacionais, continentais e globais.

O agronegócio é dominado por grandes corporações, comumente oriundas dos países mais ricos, que se apropria e concentra as terras mais férteis, ricas em águas e biodiversidade, muitas vezes tomadas por grilagem ou adquiridas por negociações obscuras, até mesmo com genocídios de muitas famílias de povos e comunidades tradicionais e da agricultura familiar camponesa.

Como forma de produção, a agroquímica é fortemente dependente de agrotóxicos, fertilizantes químicos solúveis, antibióticos, hormônios e outros aditivos prejudiciais à saúde humana e ambiental, e cada vez mais demanda águas doces – superficiais e subterrâneas –, inclusive de grandes aquíferos (hidronegócio), e usa crescentemente transgênicos (OGMs), radiações ionizantes e consome reservas estratégicas de combustíveis fósseis e outros bens minerais não renováveis.

O agronegócio se apodera ou destrói a biodiversidade e a agrobiodiversidade; envenena, contamina e acidifica os solos, as águas superficiais e as dos lençóis freáticos e dos aquíferos, e também as chuvas; o ar, os cultivos e os criatórios – terrestres e aquáticos –, e todas as cadeias alimentares, até as dos mais remotos ecossistemas – como os pan-amazônicos, os da Antártica, do Ártico, de profundezas oceânicas e das cordilheiras; tornando inadequados para o consumo humano e animal, a água e muitos alimentos e também diversas matérias primas de origem mineral, vegetal e animal.

A esses danos se somam a perda da estrutura, drenagem, aeração, biologia e fertilidade dos solos, que cada vez mais se empobrecem, compactam e são erodidos, causando assoreamentos de corpos e cursos d'água.

A todos esses grandes malefícios se agregam os efeitos danosos da produção industrial, distribuição e aplicação dos agroquímicos que se associam às consequências da mecanização agrícola e dos transportes de seus produtos a longas distâncias, prejudicando o clima, com a redução da camada de ozônio e o aquecimento global, contribuindo muito para a aceleração das Mudanças Climáticas.

Esse modelo de produção hegemônico, que impôs a existência de commodities, causa grandes desperdício de alimentos, desde a produção e o processamento até ao mercado e após a preparação para o consumo. Também estimula o consumo de alimentos ultraprocessados, fortemente apoiado por propagandas enganosas, que aumentam a demanda por alimentos não saudáveis, desde – e cada vez mais – a infância. Mundialmente tem aumentado a obesidade precoce e a diabetes, às quais se juntam muitas outras doenças, inclusive as cardiorrespiratórias e outras graves patologias.

É fundamental que consideremos que esse modelo econômico hegemônico capitalista, está articulado e se beneficia do patriarcado que tem como centralidade a superioridade dos homens e a opressão das mulheres nas diversas dimensões da vida. Portanto a análise das relações de gênero se faz necessária para entendermos e visibilizarmos as desigualdades existentes entre homens e mulheres na sociedade em geral, impactando de diferentes formas as mulheres. A violência contra às mulheres em suas diferentes formas: física, psicológica, moral, patrimonial e sexual, impacta as mulheres em suas vidas e interfere sobremaneira na sua autonomia econômica e política, dificultando o acesso aos bens materiais, aos recursos naturais, e aos seus direitos enquanto cidadãs e agricultoras. Paradoxalmente a essa situação as mulheres em especial as camponesas, exercem um papel fundamental na sustentabilidade da vida e do bem viver, resignificando as práticas agroecológicas e fortalecendo a segurança alimentar e nutricional das suas famílias e territórios. É preciso reconhecê-las enquanto construtoras da agroecologia e não como ajudantes.

O Feminismo como pensamento crítico e movimento político, questiona o modelo capitalista com base na divisão sexual do trabalho, que determina às mulheres ao espaço doméstico, responsável pelo trabalho reprodutivo e de cuidados, e aos homens o espaço público, onde é realizado o trabalho produtivo. Essa divisão está fundamentada nos princípios da separação e hierarquia, onde se separa trabalho de homem e trabalho de mulher, e dar valores onde trabalho desenvolvido pelos homens vale mais que trabalho desenvolvido pelas mulheres. Essa determinação constrói desigualdades, desvaloriza o trabalho reprodutivo, fundamental para o bem viver, e naturaliza os papéis sociais entre homens e mulheres na sociedade.

Portanto afirmamos que Sem Feminismo não há Agroecologia!

A construção das convergências entre essas duas perspectivas fortalece e amplia nossa dimensão humana e planetária. Afirmar e valorizar os conhecimentos e as experiências das mulheres agricultoras, extrativistas, ribeirinhas, pescadoras, artesãs, quilombolas, indígenas em toda sua diversidade, como sujeitos da construção da agroecologia, enriquece e amplia suas práticas e movimento.

A luta pelo fim de todas as formas de violência contra as mulheres é outra importante estratégia da convergência entre feminismo e agroecologia e deve ser assumida pelo movimento agroecológico em seus princípios e práticas.

Esse modelo de produção hegemônico, que impôs a existência de commodities, causa grandes desperdício de alimentos, desde a produção e o processamento até ao mercado e após a preparação para o consumo. Também estimula o consumo de alimentos ultraprocessados, fortemente apoiado por propagandas enganosas, que aumentam a demanda por alimentos não saudáveis, desde – e cada vez mais – a infância. Mundialmente tem aumentado a obesidade precoce e a diabetes, às quais se juntam muitas outras doenças, inclusive as cardiorrespiratórias e outras graves patologias.

Compreendendo que essa realidade precisa ser desconstruída e que a busca da sustentabilidade passa pela agroecologia em diálogo com o feminismo, que pressupõe o fortalecimento da agricultura familiar camponesa, baseada na igualdade de gênero, com o acesso e domínio continuado à suas terras e seus territórios tradicionais e suas águas e biodiversidade; com o respeito à cultura popular e às tradições dos povos e das comunidades tradicionais e agroextrativistas; com a conservação e a utilização socioambientalmente sustentável dos solos e da sociobiodiversidade e com o acesso continuado à água de qualidade e pelo fim da violência contra às mulheres. A agroecologia é vida e depende da vida!

A busca de alternativas à revolução verde se fortaleceu no final da década de 70 e início dos anos 80. O Movimento Agroecológico evoluiu das iniciativas da agricultura alternativa e desde o início, as organizações sociais e instituições de pesquisa, ensino e extensão envolvidas com sua construção, primaram por reconhecer, resgatar, sistematizar e disseminar suas propostas sempre cooperativamente com as famílias, organizações e movimentos da agricultura familiar camponesa, dos povos indígenas e das comunidades tradicionais e agroextrativistas, baseando-se nos conhecimentos e práticas centenárias e milenares em extrativismo, cultivos, criatórios, beneficiamentos e consumos saudáveis e solidários, de alimentos e para usos medicinais, artesanais, ornamentais e ritualísticos.

Há muitas experiências agroecológicas espalhadas pelo mundo inteiro, mas para que elas se ampliem e tornem hegemônicas precisamos de políticas públicas e do envolvimento de todas as organizações e movimentos sociais, do campo e da cidade, em uma grande mobilização na busca da sustentabilidade da agricultura de base agroecológica e socioambiental.

O Brasil foi o primeiro país do mundo a formular tal política e está sendo seguido por outros países. Com isto, é possível afirmar, que no Brasil o campo agroecológico é entendido como movimento social, como prática e como ciência.

Por entender que a agroecologia é o caminho para o bem viver no campo e na cidade, e ao mesmo tempo motivados pelos seus princípios e em sua defesa, a partir dos diálogos, trocas de experiências, vivências e saberes, que as organizações e os movimentos sociais camponeses, de povos e comunidades tradicionais, agroextrativistas e da agricultura familiar, ONGs e universidades realizaram no âmbito da Tenda de Convergências Agroecológicas, denunciamos:

1. Os sistemas agroalimentares do agronegócio são insustentáveis, pois utilizam tecnologias agroquímicas, transgênicas, radiações ionizantes, combustíveis fósseis e não renováveis e mecanização intensiva, causam erosão, salinização, compactação, acidificação, contaminação, envenenamentos e poluição, que tornam improdutivas vastas áreas de terras;
2. A agroquímica prejudica a saúde humana e ambiental, reduz a qualidade e expectativa de vida, causa doenças incuráveis e anualmente mata milhares de pessoas e demais formas de vidas;
3. O agronegócio nega e busca reduzir a autonomia e a soberania da agricultura familiar camponesa, dos povos indígenas e das comunidades tradicionais e agroextrativistas, estabelecendo continuamente muitos conflitos fundiários, se utilizam do trabalho escravo, da

exploração do trabalho das mulheres, e são responsáveis por muitos assassinatos de trabalhadoras/es e lideranças camponesas e assessores/as;

4. O Brasil que é o maior consumidor mundial de agrotóxicos, assim como outros países, principalmente os mais agricultáveis e mais pobres, cada vez mais utiliza sementes transgênicas, que demandam mais uso de venenos agrícolas;
5. Esse modelo que explora as pessoas, as demais formas de vida e a natureza continua a estabelecer violentações e conflitos socioambientais, violência crescente nos territórios rurais e urbanos muitos deles institucionalizados e com jurisprudências que beiram as “raias dos crimes consentidos”;
6. A violência contra às mulheres em suas diferentes formas, física, sexual, moral, psicológica e patrimonial, com índices alarmantes no Brasil em especial no campo, onde o isolamento e a falta de organismos de políticas para as mulheres é frágil e insuficiente.
7. Em 2015 a ONU estimou que 20% dos aquíferos, que concentram água no subterrâneo e abastecem nascentes e rios, estavam explorados acima de suas capacidades de fornecerem água potável à metade da população mundial e é de onde provêm 43% da água usada na irrigação. O Brasil é o primeiro detentor de água doce, tendo a maior parte do Aquífero Guarani, que o atual e ilegítimo governo golpista está privatizando/entregando para empresas transnacionais;
8. O desmantelamento das políticas públicas, em especial do campo e as voltadas para as mulheres, como a Secretaria Nacional de Políticas para as mulheres e a Diretoria de Políticas para as Mulheres Rurais e Quilombolas do Ministério de Desenvolvimento Agrário-MDA.

Propostas

1. É inadiável avançar na construção estratégica da Convergência indissociável da Agroecologia com a Sociobiodiversidade, para que se continue a aprender com as organizações e os movimentos sociais camponeses, de povos e comunidades tradicionais e da agricultura familiar, os conhecimentos e as práticas centenárias e milenares de conservação e utilização socioambientalmente sustentáveis dos bens e benefícios oriundos dos microrganismos, das plantas e dos animais nativos dos diversos Biomas, para as mais diversas utilizações alimentares, medicinais, mágicas (rituais espirituais e terapias holísticas), ornamentais, forrageiras, artesanais e outras;
2. Assim como em relação à juventude, é determinante reconhecer a importância que têm as pessoas idosas, que detêm os conhecimentos ancestrais sobre as utilidades e os benefícios dos solos, das águas, da sociobiodiversidade e da agrobiodiversidade – dos cultivos e dos criatórios –, do clima, da astronomia e sua relação com a vida humana e a natureza local, bem como dos fundamentos e das manifestações culturais e sagradas. Para tanto, além de propor, cobrar e fazer o controle social das políticas públicas para essa geração, é preciso promover as condições objetivas para suas participações nas diversas atividades, sob pena de se perder a curto e médios prazos as suas indispensáveis e irrecuperáveis contribuições;
3. A pesquisa, o ensino, a extensão e o fomento à agroecologia, como as demais políticas públicas, necessita ser continuadas para que seus resultados e impactos positivos possam ser alcançados no tempo normal dos ciclos de planejamentos estratégicos, não se restringindo as alternâncias de governos;
4. Fortalecimento das convergências entre o Feminismo e Agroecologia em suas dimensões: política, teórica e prática e em suas pautas enquanto movimentos sociais comprometidos com transformação.

Por fim, consideramos que a participação da sociedade civil em todas as dimensões da agroecologia é determinante para todas as construções e controle social de políticas públicas e

neste sentido propõe-se também dar seguimento aos debates sistemáticos no âmbito local, regional, nacional e internacional a caminho de convergências e práticas do bem viver agroecológico. Reafirmamos nosso compromisso em continuar resistindo e criando, resistindo e transformando!

Salvador/BA, 17 de março de 2018.

Articulação de Agroecologia da Bahia – AABA
Articulação do Semiárido Brasileiro – ASA
União Nacional de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária - UNICAFES
Assessoria e Gestão em Estudo da Natureza Desenvolvimento Humano e Agroecologia - AGENDHA
Associação Brasileira de Agroecologia e Universidade Federal de Viçosa
Associação Humana Povo para Povo Brasil – Humana Brasil
Associação de Pescadores e Pescadoras de Cairú de Salinas
Casa da Mulher do Nordeste
Central de Comercialização Arco Sertão
Comissão Pastoral da Terra
Comunidade Quilombola Barroso – Camamu/BA
CONSEA Bahia
Coordenação Estadual de Territórios – CET
Experiência das ações de Segurança Alimentar da SJDHDS/Governo da Bahia
Experiência de Agroindústria Familiar
Experiência de Fundo de Pasto
Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional - FASE
Federação dos/as Trabalhadores/as da Agricultura Familiar - FETRAF
Fórum Baiano de Agricultura Familiar - FBAF
Frente Parlamentar Ambientalista da Bahia
Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Instituto para el Desarrollo y la Paz de la Amazonía – IDPA
Ministério Público da Bahia
Movimento de Organização Comunitária – MOC
Movimento dos Pequenos Agricultores
Movimento dos Povos Brasileiros
Organização Nacional de Mulheres Indígenas Andinas e Amazônicas do Peru
Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste
Red Latioamericana sobre Deuda, Desarrollo y Derechos
Serviços de Assessoria a Organizações Populares Rurais - SASOP
Universidade Estadual de Goiás
Universidade Federal do Recôncavo

Resistir é criar, resistir é transformar!

Organização

